Onde nasce nossa identidade

Cartilha de apoio didático
Projeto Registrando saberes:
o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina

Denise Argenta
Fernanda Ben
Luis Fernando Ferrari
Marcio Luiz Rodrigues

Realização

Prefeito – Fabiano da Luz

Secretária de Educação e Cultura – Santina Nalin Ely
Diretora de Cultura – Carmen Tereza Salvini

Coordenadora – Fernanda Ben

Presidente – Luiz Fernando de Almeida
Diretora de Patrimônio Imaterial – Célia Maria Corsino

APOIO
Associação Cultural Mais Cultura
Sociedade Amigos da Viola – SAVI
Associação Puxirão dos Caboclos e Caboclas de Chapecó
Associação Amigos da Roda de Viola Cabocla
Secretaria Municipal de Educação de Pinhalzinho,
Secretaria Municipal de Educação de Modelo,
Secretaria Municipal de Educação de Saudades,
Secretaria Municipal de Educação de Saltinho e
Secretaria Municipal de Educação de Campo Erê

EQUIPE TÉCNICA:
Coordenação – Denise Argenta e Fernanda Ben
Pesquisadores – Luiz Fernando Ferrari, Leila Salvini, Jone Schuster, Denise Argenta, Fernanda Ben e Márcio Luiz Rodrigues
Organização do Texto: Denise Argenta, Leila Salvini e Fernanda Ben
Redação: Denise Argenta, Fernanda Ben, Leila Salvini, Luiz Fernando Ferrari e Márcio Luiz Rodrigues
Colaboração: Mônica de Andrade Arnt – Prodoc-UNESCO/IPHAN
Ilustrações: Marcos Bettú
Fotografia: Denise Argenta, Leila Salvini e Mariane Kerbes/ Acervo CEOM/Unochapecó e Museu Histórico de Pinhalzinho
Capa: Diego Moraes de Oliveira
Diagramação: Mariane Kerbes
Projeto Gráfico: Denise Argenta
Impressão: Gráfica ZM

CC BY SA

Ar36 Argenta, Denise

Onde nasce nossa identidade. Cartilha de apoio didático do projeto registrando saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas a cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina / Denise Argenta, Fernanda Bem, Leila Salvini, Luis Fernando Ferrari, Marcio Luiz Rodrigues. – Pinhalzinho: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2012.

20 p.: il.color..; 00 cm.

1. Caboclos. 2. Patrimônio cultural – Proteção – Santa Catarina. 3. Educação Patrimonial. I. Argenta, Denise. II. Bem, Fernanda. III. Salvini, Leila. IV. Ferrari, Luis Fernando. V. Rodrigues, Marcio Luiz. VI. Título.

CDD 363.69098164

Catalogação: Karina Ramos CRB 14/1056

Sumário

Sobre o projeto 5

Cultura imaterial – o que é? O Patrimônio Cultural Imaterial e a importância de sua preservação 7

Parte I - O tempo d'antes: Ser Caboclo no Velho Xapecó 8

1 – O Velho Xapecó: o Sertão Desconhecido 8

2 – Ser caboclo: um modo de vida 11

3 – Práticas e saberes: 12

Trabalho 12

A moradia 13

Alimentação…. 14

Religiosidade 15

Lazer e Sociabilidade 15

Os brinquedos e brincadeiras de antigamente 15

Os Bailes e Cantorias 16

Namoro e Casamento 17

Festividades 18

Remédios caseiros e práticas de cura 19

Superstições e Visagens 21

Parte II - O tempo d e agora: A retomada da identidade cabocla no Oeste de Santa Catarina 22

Associação Puxirão dos Caboclos e Caboclas: 22

Associação Amigos da Roda de Viola Cabocla 23

Programa Radiofônico "Recanto dos Violeiros" 23

Sociedade Amigos da Viola (SAVI) 23

Aos participantes do projeto 25

Referências 27

Olá!

Esta publicação é o resultado do projeto de pesquisa chamado Registrando Saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas a cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina.

A proposta foi apresentada pelo Museu Histórico de Pinhalzinho ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2011. O projeto foi aprovado e, durante todo o ano de 2012, uma equipe de pesquisadores do Museu Histórico de Pinhalzinho, com a colaboração do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó), realizaram pesquisas de mapeamento e registro do modo de vida de caboclos residentes nos municípios de Campo Erê, Chapecó, Modelo, Pinhalzinho, Saltinho e Saudades – todos na região oeste de Santa Catarina.

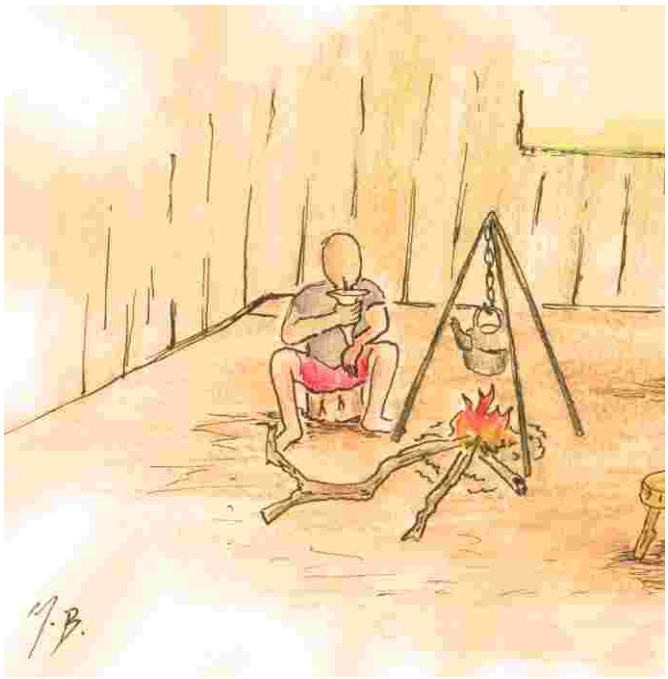
Este material foi desenvolvido pensando em você, estudante e professor que deseja conhecer um pouco mais sobre a memória e a identidade da região oeste catarinense.

Ao longo das próximas páginas você encontrará mais informações sobre o Projeto Registrando Saberes e sobre seus resultados. Além disso, você terá oportunidade de saber um pouco mais sobre:

- O conceito de Patrimônio Imaterial;
- O processo de ocupação colonial da região oeste de Santa Catarina;
- A memória dos modos de vida e das práticas socioculturais nos tempos do Velho Xapecó;
- Quem são os caboclos e quais suas contribuições no processo de formação da identidade da região oeste catarinense;
- Os processos contemporâneos de reafirmação da identidade cabocla;

Desejamos que esse possa ser um material de apoio às atividades do professor sobre a história e a identidade regional e uma fonte de conhecimentos, de estímulo à pesquisa e à investigação para você estudante. Boa leitura!

Um abraço,
Equipe do Museu Histórico de Pinhalzinho



Cultura imaterial – o que é?

O Patrimônio Cultural Imaterial e a importância de sua preservação

Mônica Arnt
Consultora PRODOC-UNESCO - Patrimônio Imaterial
Superintendência Estadual do IPHAN em Santa Catarina

O patrimônio cultural é o conjunto de criações humanas consideradas importantes por um determinado grupo social, constituindo referências de memória e identidade a seus membros. Até recentemente, as políticas patrimoniais centraram sua atenção no patrimônio cultural de natureza material, como vestígios arqueológicos, obras de arte, paisagens, coleções de museus, documentos, livros, monumentos e construções urbanas.

O patrimônio cultural imaterial é uma noção um pouco mais recente, que passa a considerar a importância da proteção e preservação dos saberes e fazeres dos diversos grupos formadores da sociedade brasileira, como músicas, festas, ofícios, receitas e "causos", entre tantas outras manifestações de conhecimentos tradicionais locais.

Os bens culturais de natureza imaterial são criações coletivas de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou coletivos como expressão de sua identidade cultural e social. As mais variadas práticas relativas aos diferentes domínios da vida social e os sentidos que lhes são atribuídos podem ser reconhecidos como pertencentes ao patrimônio cultural imaterial brasileiro.

O Artigo 216 da Constituição Federal do Brasil define que o patrimônio cultural brasileiro é constituído pelos bens de natureza material e imaterial. Esta lei introduz, nas políticas de patrimônio, categorias de bens culturais que já haviam sido pensadas pelo modernista Mário de Andrade, na década de 1930, época de criação do Serviço Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Pertencente ao Ministério da Cultura, o IPHAN é responsável pela preservação do patrimônio cultural material e imaterial no país.

O Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) foram instituídos através do Decreto 3.551/2000, com o objetivo de apoiar e fomentar a política de identificação, registro e salvaguarda de bens culturais imateriais, privilegiando iniciativas apresentadas pela sociedade. Surgiu, assim, a possibilidade de se proteger o patrimônio de grupos que não fazem parte da história "oficial" do país, enfatizando as manifestações culturais em detrimento dos grandes monumentos e edificações. A metodologia utilizada pelo IPHAN para a implementação do Decreto é o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), instrumento através do qual é realizado o mapeamento, a identificação e a documentação de bens culturais.

O processo de registro é o instrumento legal para o reconhecimento e valorização de um bem cultural de natureza imaterial, equivalendo ao tombamento de que são objeto os bens materiais. O registro é feito por meio da inscrição do bem em um dos quatro Livros de Registro do Patrimônio Imaterial Brasileiro: Saberes, Celebrações, Formas de Expressão e Lugares. Alguns exemplos de registros já realizados são o do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, do Frevo, do Ofício de Sineiro, do Modo de Fazer Viola-de-Cocho, do Samba de Roda do Recôncavo Baiano, do Sistema Agrícola Tradicional do Alto Rio Negro e do Tambor de Crioula do Maranhão.

A aplicação destas políticas prevê a participação ativa das pessoas e grupos que produzem, mantêm e transmitem suas expressões culturais. A valorização e visibilização destas expressões, que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, contribuem para que os diferentes grupos sociais mantenham os vínculos do presente com o seu passado e para proteção da diversidade cultural no país. Para que a imensa variedade do patrimônio imaterial não desapareça, é preciso promover apoio às condições sociais e materiais que propiciam sua existência e continuidade, bem como às suas condições de produção, reprodução e transmissão.

Sobre o projeto

"Registrando saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina" é um projeto que objetivou mapear, registrar, salvaguardar e difundir os saberes, as crenças e o modo de vida desse grupo étnico cuja presença na região oeste catarinense é intensa e constante.

Ao longo dessa publicação, assim como no projeto apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), optamos por chamar essa etnia de "Caboclos", que é como o grupo prefere se denominar, aqui no Oeste Catarinense.

Ao longo do texto você vai encontrar muitas vezes a expressão "detentores dos saberes", referindo-se aos caboclos. Isso significa que essas pessoas detém determinados conhecimentos, práticas e saberes que vamos registrar com essa pesquisa.

Como nasceu esse Projeto?

Observamos que, no oeste catarinense, embora seja consenso a presença de múltiplas etnias, tais como italianos, alemães, teuto-russos, indígenas e caboclos, apenas as primeiras possuem significativa literatura e documentação sobre sua cultura.

A etnia cabocla é conhecida por basear a transmissão da sua memória histórica e de seus conhecimentos essencialmente na oralidade.

Por essa razão, boa parte dos saberes e expressões ficavam restritos apenas a um pequeno grupo, correndo risco de desaparecer.

Essa é uma das facetas da cultura imaterial: os saberes e os conhecimentos não têm suportes físicos capazes de assegurar a sua continuidade.

Identificamos assim, a necessidade de registro, inventário, preservação e comunicação desses conhecimentos.

Com esse objetivo, o Museu Histórico de Pinhalzinho, através da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, apresentou ao edital n. 001/2011 "Mapeamento e Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial", do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a proposta nominada "Registrando saberes: o palavreado, as crenças e as tradições relacionadas à cultura popular dos caboclos do Oeste de Santa Catarina". A proposta foi selecionada e essa cartilha é parte do resultado do projeto executado.

Como foi realizada a pesquisa?

Primeiro, mapeamos localidades e pessoas de origem cabocla, nos municípios de Campo Erê, Chapecó, Modelo, Pinhalzinho, Saltinho e Saudades, todos na região oeste do Estado de Santa Catarina.

Visitamos cada uma das famílias mapeadas e fotografamos os lugares, os costumes, as práticas e os trabalhos realizados pelas pessoas no seu dia a dia. Também realizamos entrevistas filmadas em cada uma dessas localidades, perguntando sobre suas lembranças de outros tempos, sobre seus conhecimentos, rezas e causos e, também sobre como é ser caboclo nos dias de hoje.

Nossa intenção foi reunir um banco de dados sobre o modo de vida, as manifestações culturais e as práticas do povo caboclo do Oeste catarinense, a fim de disponibilizá-lo à pesquisadores, estudantes e à comunidade local e nacional.

Quais são os resultados desse projeto?

A partir da curadoria do material de pesquisa coletado, foram produzidos

a) Esta cartilha educativa, contendo material de apoio ao professor, destinada a estimular a ação educativa a partir dos referenciais de história, memória e identidade regionais;

b) Um documentário audiovisual, com duração de 40 minutos, que acompanha esse material de apoio;

c) Um documentário audiovisual, com duração de 10 minutos, destinado à ação educativa e que também faz parte desse material de apoio;

d) Uma exposição histórica itinerante, que visibiliza práticas e saberes coletados na etapa de pesquisa;

e) Oficinas de Educação Patrimonial destinadas à professores dos níveis fundamental e médio de ensino, com o intuito de formar multiplicadores dos conteúdos de história, memória e identidade regional tendo como base a pesquisa desenvolvida; e,

f) Oficinas de Educação Patrimonial com estudantes dos níveis fundamental, médio e superior de ensino, centradas nas temáticas de valorização da memória e da identidade regional, com ênfase na cultura cabocla.

Além da participação nos registros documentais, os caboclos identificados como "*detentores de saberes*" participarão em alguns momentos das oficinas de Educação Patrimonial, relatando histórias, declamando versos e transmitindo conhecimentos tradicionais nos campos do artesanato, da culinária, da música, da medicina popular, dentre outras.

Parte I

O tempo d'antes: Ser Caboclo no Velho Xapecó

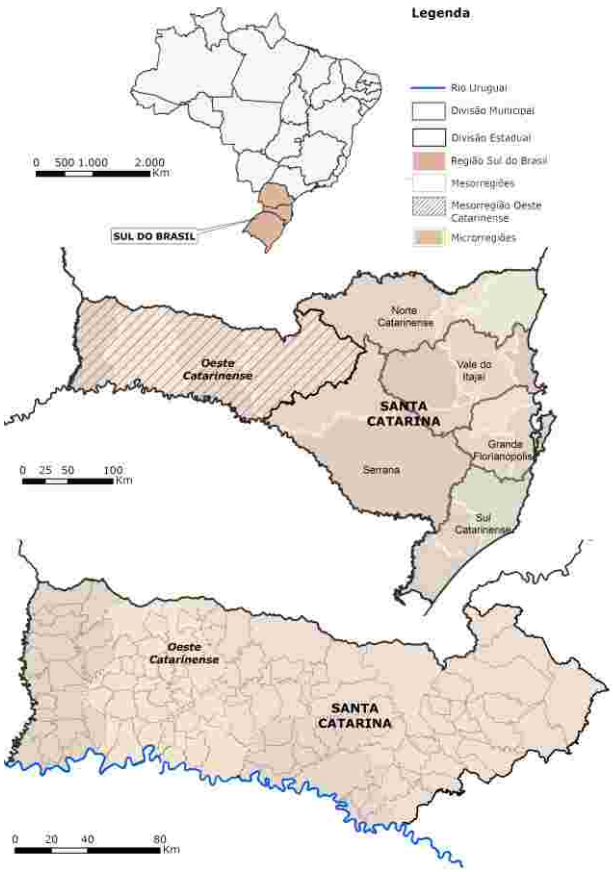
1. O Velho Xapecó: o Sertão Desconhecido

Até o começo do século XX, toda a vasta região compreendida entre os campos de Palmas e o Rio Uruguai era considerada pelo governo catarinense como "terras vazias" ou "terras devolutas" – o que significava que, do ponto de vista estatal, era uma região quase despovoada.

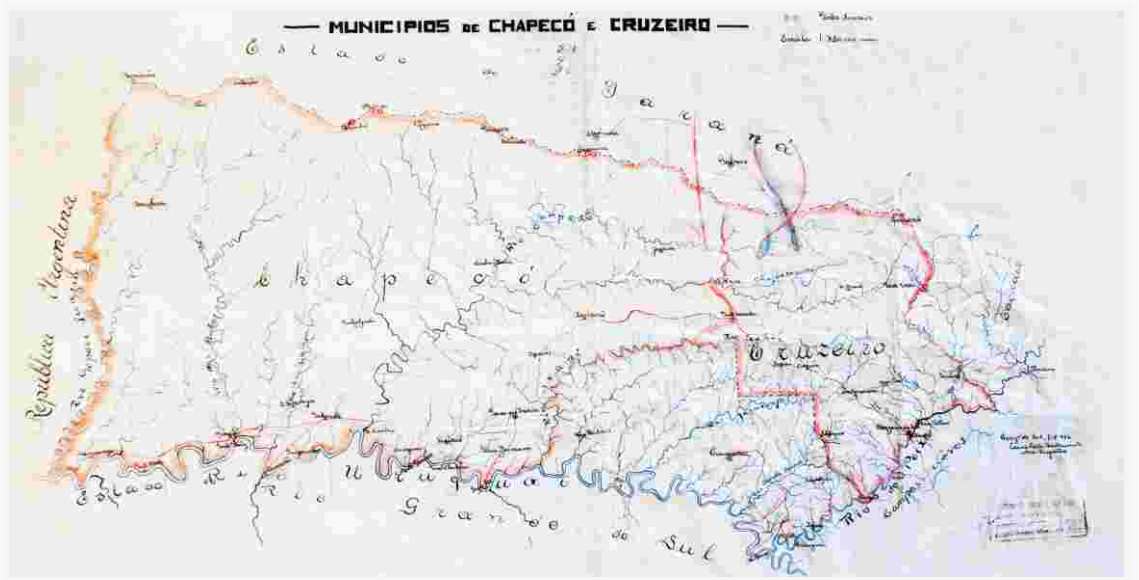
Mas, mesmo sem registro de posse do território, havia um significativo contingente populacional vivendo na região. Eram os povos indígenas Guarani e Kaingang – que povoaram esse território há cerca de 8.000 anos – e a população Cabocla, que habita a região deste meados do século XVIII.

As sucessivas fases de ocupação dessa região são identificadas pelo professor Jaci Poli como:
- Fase Indígena: até meados do século XIX;
- Fase Cabocla: que se mistura à fase indígena e a sucede;
- Fase de colonização: marcada pela chegada de migrantes gaúchos de diversas etnias.

Oficialmente, a colonização da região teve início após a Guerra do Contestado , depois de definida a questão de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina. A Lei Estadual nº 1.147, de 25 de agosto de 1917, criou ous municípios de Chapecó, Cruzeiro, Porto União e Mafra.



Localização do Estado de Santa Catarina, de acordo com seus limites atuais, no contexto do Brasil e com destaque à região Oeste Catarinense. Fonte: Mirian Carbonera.



Mapa dos municípios de Chapecó e Cruzeiro datado de 1936. Fonte: Acervo Ceom/Uno chapecó

Você sabia?
Segundo o professor Paulo Pinheiro Machado, a Guerra do Contestado foi um movimento social, político e religioso de origem rural, que ocorreu no interior dos Estados de Santa Catarina e do Paraná, entre 1912 e 1916. Sua ocorrência, num território historicamente contestado, desde os tempos do Brasil colônia, lhe valeu o nome de "Contestado".

Costuma-se dizer que a região oeste catarinense foi colonizada pela iniciativa privada, ou seja, mediante o loteamento e venda das terras, por companhias colonizadoras, com o apoio do Estado. Cerca de 20 companhias colonizadoras atuaram na região. Confira, no quadro abaixo uma lista das mais abrangentes e identifique qual delas foi responsável pelo loteamento e venda das terras no seu município.

Agora é a sua vez! Converse com seus professores e colegas e faça uma pesquisa sobre a Guerra do Contestado. Procure descobrir quais foram as causas da guerra, como ela começou e quais os suas consequências. Para saber mais a respeito, consulte a biblioteca da sua escola. Recomendamos as seguintes publicações:

AURAS, Marli. Guerra do Contestado – a organização da irmandade cabocla. Florianópolis, UFSC, 2001.

FELIPPE, Euclides José. O último jagunço. Curitibanos: UnC, 1995.

GALLO, Ivone C. D. O Contestado: o sonho do milênio igualitário. Campinas: Unicamp, 1999.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Unicamp, 2004.

VALENTINI, Delmir José. Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. Caçador: UnC, 1998.

COLONIZADORA	SEDE	ÁREA DE ATUAÇÃO
Brazil Development and Colonization Company	Portland (EUA),	Cruzeiro/ Joaçaba e Chapecó
Empresa Colonizadora Luce, Ro sa & Cia	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/ Joaçaba e Concórdia
Empresa Colonizadora Ernesto F. Bertaso	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	Chapecó- sede e outras áreas
Companhia Territorial Sul Brasil	Rio Grande do Sul	Chapecó (Extremo Oeste)
Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia. (H. Hacker e Cia)	Rio Grande do Sul	Cruzeiro/ Joaçaba
Empresa Chapecó- Peperi Ltda.	Rio Grande do Sul	Chapecó- Mondai
Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul	Rio Grande do Sul	Chapecó- colônia Porto Novo/Itapiranga
Barth, Beneti & Cia. Ltda. (Barth, Annoni & Cia. Ltda.)	Rio Grande do Sul	Chapecó- região de São Miguel d'Oeste
Angelo di Cali, Irmão & Cia.	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Nardi, Bizzo, Simon & Cia	Rio Grande do Sul	Chapecó e Cruzeiro/Joaçaba
Irmãos Lunardi	Rio Grande do Sul	Chapecó
Empresa Povoadora e Pastoril Theodore Capelle	São Paulo	Cruzeiro/Joaçaba- Concórdia
Estado de Santa Catarina	Santa Catarina	Chapecó- (Itaberaba e Itacorubá)

Fonte: NODARI, 2002.

Mapa da Ocupação do Médio e Extremo Oeste de Santa Catarina. Fonte: PIAZZA, 1994

Ao iniciar o processo de loteamento e venda das terras do oeste catarinense, as Companhias Colonizadoras se depararam com centenas de famílias indígenas e caboclas vivendo na região. Naquela época, essa região era conhecida como "sertão" e as pessoas não tinham o costume de registrar a posse das suas terras em cartório.

As famílias que não tinham registro da terra ou condições de adquiri-lo da Companhia foram forçadas a migrar ou a adaptarem-se ao novo modo de vida e uso da terra na região. Dentre esses, os caboclos subsistiram agregando-se aos proprietários legais do território, como forma de permanecer na terra que em viviam. A maioria dos caboclos manteve-se a margem do processo colonizatório, migrando para outras localidades ou vivendo como peões, nas terras dos colonos.

Os caboclos

"Quase sempre pobres, raramente proprietários de terras que exploravam, estes caboclos desbravaram os sertões, embora, via de regra, seja menosprezada a importância de sua contribuição, por terem uma filosofia de vida divergente com a dominante nas atuais comunidades."
(POLI, 2006, p. 150)

2. Ser caboclo: um modo de vida

É unanimidade entre os pesquisadores que a conceituação de caboclo é controversa. Mas, podemos simplificar afirmando que caboclo é a forma como são denominados os habitantes do Oeste Catarinense, Sudoeste do Paraná e Norte do Rio Grande do Sul. Sua ancestralidade remonta ao século XVIII e é uma mistura de etnias indígenas, bandeirantes paulistas e viajantes, que se fixaram no território, desenvolvendo um modo de vida próprio, marcado pelas peculiaridades do sertão.

Os caboclos foram responsáveis pela garantia de posse ao governo brasileiro, das terras disputadas com a Argentina e, por várias décadas, a região acolheu remanescentes de conflitos políticos como a Revolução Federalista, a Coluna Prestes e, por fim, viu a dispersão da população cabocla com a Guerra do Contestado.

De 1917 em diante, com o início do processo de colonização, este grupo social foi sendo fragmentado e expropriado das terras que ocupavam. A maioria dos descendentes ainda residem em bairros periféricos das cidades e, principalmente, nas comunidades rurais do oeste catarinense, mantendo vivas muitas das tradições socioculturais herdadas pela tradição oral: o palavreado, as crenças religiosas, as superstições, os versos e trovas, as práticas de cura, os benzimentos, as festas, os pratos típicos e os costumes de modo geral.

Quem é o caboclo?

"(...) para ser considerado ou classificado como caboclo precisa apenas ter sido criado no sertão, ter hábitos e comportamento de sertanejo (...). A grande maioria dos caboclos era o que se poderia classificar de pobres, possuíam 5,6 ou, no máximo, 8 alqueires de posse; viviam em ranchinhos de pequenos troncos, cobertos com folhas de bambu. Muitos cobriam com taboinhas lascadas, normalmente de pinheiro, por serem mais fáceis de rachar. O assoalho só apareceu depois da instalação das serrarias (...). Geralmente possuíam cavalo encilhado, roupa para vestir nos domingos (domingueira), duas pistolas e facão (...)."
(WACHOWICZ, 1985, apud POLI, 2006, p.174).

Caboclo ou Brasileiro?

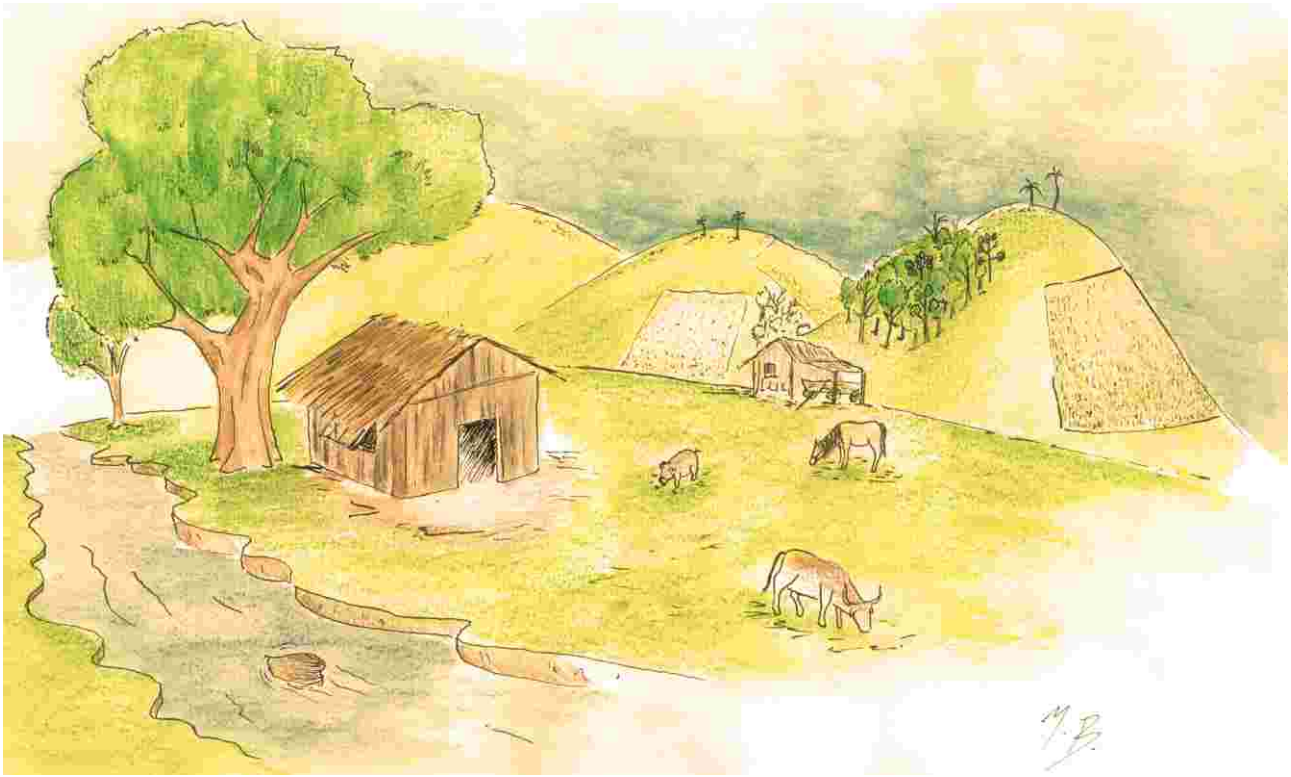
Ambos os termos remetem ao mesmo grupo étnico. A diferença é que, no período de colonização, caboclo era a forma com que os colonos designavam essa população. Enquanto o próprio grupo se autodenominava brasileiro. Durante muito tempo, o termo "caboclo" foi considerado pejorativo. Atualmente, é motivo de orgulho entre a população dessa etnia e é possível observar significativo movimento de afirmação identitária em torno do "ser caboclo" no Oeste Catarinense.

3. Práticas e saberes

Trabalho

Os caboclos inicialmente ocuparam as áreas de mata e dedicaram-se a atividade extrativa, voltada à pequena lavoura, criação de animais, basicamente para o consumo doméstico, extração da madeira e da erva-mate. "Para esta população, a relação de apropriação do solo era através da posse" (RENK, 2006, p.106).

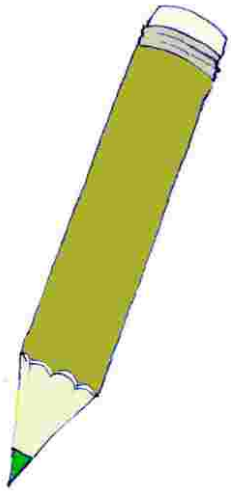
"Criação nós tinha solta, porco, galinha tudo solto, animais nós tinha também: cavalo, égua, tinha tudo solto. Vizinho era retirado, então nós tinha liberdade."
Antônio Rodrigues da Cruz, Pinhalzinho – SC.



A roça cabocla, praticada em pequena escala, era geralmente longe de casa, próxima aos cursos d' água e consistia na derrubada da mata, queima e plantio nas cinzas. Em cada safra esse processo era repetido em um novo local, abandonando-se a área cultivada anteriormente. Os animais – galinhas, porcos, bovinos e cavalos – eram criados soltos, geralmente próximo as residências. (RENK, 2006).

O caboclo não possuía regras rígidas para a execução de suas tarefas, apenas tinha afazeres a cumprir e não horários predeterminados. A essência do trabalho do caboclo era a agricultura de subsistência. Tinha por costume dividir as terras de plantar que ficavam distantes das casas e as terras destinadas à criação dos animais, localizadas nas proximidades da residência, pois facilitava a criação e evitava o estrago das lavouras.

Puxirão era uma forma de ajuda mútua e manifestação de solidariedade entre vizinhos, parentes ou amigos. Os participantes utilizavam instrumento de trabalho como foice, machado, arado ou enxada. Ficava a cargo do caboclo que receberia o puxirão a realização da refeição (almoço). Após o puxirão era comum a realização do baile.



Entre as principais atividades desenvolvidas pelos caboclos podemos destacar as funções de tropeiro, balseiro, carroceiro, cortador de erva, serrador, serviços de abrir estradas, entre outros.

Quais dessas profissões você conhece? Que outros trabalhos são extintos ou raros hoje em dia? Pesquise, converse com seus pais, avós, procure fotografias, notícias ou faça desenhos e elabore uma apresentação sobre profissões de antigamente para os colegas.

Balsas no Rio Uruguai, primeira metade do século XX.
Foto: Acervo Ceom/Unochapecó

A moradia

Antigamente, as casas eram construídas com madeira lascada, tinham telhado de tabuinhas, janelas de madeira e assoalho de **chão batido**. Havia também casas de taquara amaradas com cipó e o telhado era formado de capim e folhas de coqueiro. Na maioria das casas, havia poucas divisórias, o ambiente doméstico era simples e a madeira era matéria-prima essencial para a construção da moradia, do mobiliário que, geralmente era produzido de modo artesanal, pelas próprias famílias.

O chão batido: chão de terra compactada de modo a ficar nivelado. "Para fazer o chão da casa eles emparelhavam bem a terra, e colocava cinza umedecia, pra preparar o chão e batia". Amantina Ertahl e Vitalina Nunes

Alimentação

Os hábitos alimentares da população do oeste catarinense, nos primeiros anos da colonização, eram bastante semelhantes, não havendo grandes variações étnicas. Comidas e bebidas atualmente consideradas "típicas" ou representativas de diferentes etnias, tem todas uma origem comum: os tipos de alimentos que eram cultivados na região. Tal é o caso dos alimentos à base de milho: canjica, quirera, polenta e pão de milho, são todos produzidos a partir de um dos cultivos mais abundantes e tradicionais na região. Assim, a **polenta**, que foi adotada pelas comunidades de origem italiana como representativa da sua cultura, é uma herança cabocla.

Outra herança das comunidades caboclas fortemente incorporada ao modo de vida da população do oeste catarinense é o consumo do chimarrão. Trata-se de uma prática recorrente em toda o sul do continente Americano, com expressiva repre-sentatividade em países como a Argentina, o Paraguai, o Uruguai e o sul brasileiro. Esse hábito está ligado à presença da erva mate em todo esse território e ao clima subtropical que, especialmente em dias mais frios, favorece o consumo da bebida quente. Trata-se de uma herança indígena que foi incorporada ao modo de vida caboclo e hoje é indissociável de valores como a hospitalidade e as rodas de conversa em que, ao passar a cuida de mão em mão, se fala do cotidiano.

Mas, alguns alimentos se perpetuaram no imaginário popular como os favoritos da comunidade cabocla. Na maioria deles, o pilão era fundamental pois permitia o soque do milho a fim de preparar **canjica** ou a **quirerinha** que rende o famoso prato "quirerinha com carne de porco" ainda hoje consumido nos festejos. Mas, em geral, podemos afirmar que a alimentação tinha por base o que era criado ou produzido na região, além da caça e da pesca.

"A canjica que hoje tem nos moinhos que fazem, não é gostosa que nem a canjica crioula, com porco e feijão".
Antônio Rodrigues da Cruz, Pinhalzinho - SC

Quirera: grãos de milho maduro, moídos em pilão. Costuma-se cozinhar a quirera, misturada com carne suína.
Canjica: grãos de milho maduro, quebrados grosseiramente em pilão. Pode ser consumida tanto como sobremesa, cozinhando-se com leite e açúcar ou como salgado, fervendo-se o milho com água ou leite e sal.
Polenta: mistura cozida de farinha de milho com água e sal.

Vamos pesquisar a culinária típica do oeste catarinense. Tente descobrir que outras influências caboclas temos nas receitas e hábitos alimenteres da região. Depois, escreva um texto e apresente aos seus colegas.

Religiosidade

A religiosidade do caboclo está intimamente relacionada ao catolicismo popular, que difere do catolicismo oficial nas formas de devoção e culto aos santos, no batismo em casa, no pagamento de promessas, **(denominados de desagravos)**, realização de simpatias e práticas musicais características: o terço cantado e a **recomendação das almas**. Esses fatores garantem uma unidade à prática religiosa do caboclo.

O modo de ser caboclo professa forte misticismo e baseia-se na honra, na valentia e no respeito à natureza. Isso transparece em seus santos de preferência, ligados às questões de honra, os santos guerreiros (São Jorge, São Sebastião, São Benedito e São Jerônimo). O misticismo dá espaço à crença nos monges cujos nomes ainda são presença constante na região: João e José Maria recebem graça de canonização popular. Os milagres e graças atribuídos a eles não são reconhecidos pela Igreja Católica, mas na região Oeste Catarinense possuem status de santos.

Batizados em Casa

Antigamente, pela ausência de religiosos na região oeste catarinense, era comum ocorrer o "batismo em casa". Consistia em derramar água na cabeça da criança dizendo "te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém", seguido de rezas. Nos dias atuais, a prática ainda é muito comum na região.

Lazer e Sociabilidade

Os brinquedos e brincadeiras de antigamente...

Ser criança no oeste catarinense nas primeiras décadas do século XX significava uma infância de brincadeiras ao ar livre e de aprender com os pais e avós a produzir seus próprios brinquedos de maneira artesanal. Os brinquedos eram feitos a partir de restos de madeira e reaproveitamento de materiais e dentre os mais comuns estavam bonecas de pano ou de espigas de milho, pião, bolita, petecas, jogos de tabuleiro como a trilha, feito com grãos de milho e feijão e bolas de futebol feitas de meia ou de bexigas de animais. Dentre esses brinquedos e brincadeiras, muitos ainda hoje fazem parte do nosso cotidiano, como as cirandas e os jogos em grupo.

A Carreirada: corrida de cavalos realizada nas "canchas de carreira" ou hípicas. Nessa corrida o caboclo poderia mostrar sua destreza com o cavalo ou fazer suas apostas na destreza e na habilidade do melhor cavalo ou competidor.

Brincadeiras tradicionais são aquelas que são ensinadas pelos pais e avós às crianças. Você lembra de alguma brincadeira que tenha aprendido com seus familiares? Faça um desenho e escreva uma legenda explicando-a para os seus colegas.

Os Bailes e Cantorias

As festas ou bailes, com música e comida farta, eram promovidos em dias de reunião da comunidade para o preparo da terra, o plantio e a colheita ou a construção de casas. Eram os tradicionais mutirões – ou puxirão, como são chamados no oeste catarinense – que aconteciam sempre que havia necessidade de realizar um trabalho de proporções maiores. Trata-se de uma das mais importantes práticas de solidariedade e ainda hoje é praticada em muitas comunidades.

Antigamente, era costume, ao final de um dia de puxirão, a realização de um baile de confraternização entre os participantes. A festa geralmente acontecia na casa do responsável pela promoção do puxirão. Aliás, os bailes nas casas eram muito comuns, já que não haviam salões comunitários e casas de festas, como hoje em dia.

Outro costume eram as cantorias, que geralmente, aconteciam associadas aos bailes. Funcionava assim: quem quisesse declamar um verso, fazer uma trova, ou cantar uma música, podia contribuir, ajudando a enfeitar a festa. Geralmente, quando alguém puxava uma cantoria, outros se animavam e entravam na brincadeira, gerando momentos de interação entre as famílias e a comunidade.

Os versos, que também são chamados de mancebos, e as letras das canções falavam do cotidiano, das alegrias, dos amores, da fé, do respeito... Ao longo da pesquisa do Projeto Registrando Saberes, recolhemos alguns versos e mancebos que ainda são bastante comuns na região e permanecem na memória das pessoas. Confira os quadros abaixo:

Santo Antônio se calçou
Em seu caminho, caminhou
Encontrou com Santa Bárbara
Santa Bárbara, perguntou:
- Onde vai meu Filho Santo Antônio?
- Vou benzer a tormenta que se armou.
Jorgina S. da Silveira (in memorian)

Eu não bebo e não fumo e eu guardo segredo.
E eu deito mais tarde e levanto mais cedo.
De ofender Jesus eu tenho medo.
De ofender Jesus eu tenho medo.
Eu pego minha cruz e sigo o caminho.
Eu quero mais flor mas menos espinho.
Com o meu Jesus eu não ando sozinho.
Com o meu Jesus eu não ando sozinho.
Eu não bebo e não fumo e não desminto a raça.
Eu não ando tonto e não gosto da fumaça.
Tem nada no mundo, deus queira eu não faça.
Tem nada no mundo deus queira eu não faça.
Valdelírio Gomes da Rosa, Campo Erê-SC

Se tua boca é uma rosa,
Se teus dente é um botão
Se te perco de vista
Não te perco do coração.
Zeferino da Silva, Pinhalzinho-SC

Se eu fosse casado e tivesse minhas filhas
Esses baile de agora minhas filhas não ia
Começa-lhe o baile
Começa a revilia
Que o povo de fora
Cabelo arrepia.
Zeferino da Silva, Pinhalzinho-SC

Mancebo, senhor mancebo
Com sua espada encostada,
Namore a mais moça
Que a mais velha é casada
Minha espada encostada
Não faço mal a ninguém
Como casou-se a mais velha
Se casa a mais moça também.
Jorgina S. da Silveira (in memorian)

Você conhece alguma quadrinha, versinho ou mancebo?
Converse com seus amigos, com seus pais e avós e pesquise quadrinhas do gênero. Depois escreva a que você mais gostou aqui:

Pedir a Benção
Na cultura cabocla o respeito aos mais velhos é um fator determinante. Logo, o ato de pedir a bênção era sinal de respeito: "a bênção meu pai, bênção minha mãe!" ao que os pais ou responsáveis retribuíam com a frase: "*Deus te abençoe, meu filho!*"

Festividades

As festas eram momentos de interação e partilha em que cada membro do grupo contribuía com doações para a produção das refeições que, geralmente, eram partilhadas sem custos entre os presentes.

O universo cultural dos caboclos está intimamente relacionado ao emprego da gaita, do violão, do canto, dos bailes, das cantorias, dos versos e das rodas de conversas. As práticas musicais caboclas estão ligadas à socialização, à religiosidade e ao lazer da comunidade.

Entre as confraternizações mais importantes podemos destacar as festas do Divino Espírito Santo, onde ocorre a procissão tradicional da Bandeira do Divino, a Festa de São Sebastião e as Festas de São João.

"O São João, toda a minha história que eu me criei, sempre, sempre nós festejamos. Fizemos a mesada dos inocentes e a reza do São João. Ai a gente faz uma fogueira bonita pra São João, que o São João diz que gosta muito de fogos, por isso soltam os tiros, os foguetes e faz a fogueira".
Rosalina Nogueira da Silva, Chapecó-SC

Mesada dos Inocentes durante a Festa de São Sebastião. Barra do Rio dos Índios/ Chapecó/SC. Fonte:Acervo do CEOM

A Festa de São Sebastião – ocasião comemorativa confraternizada todos os anos no dia 20 de janeiro. Para o festejo uma família abatia quatro ou cinco leitões, galinhas, preparava mandioca, arroz, pães, saladas e convidava a vizinhança para o banquete. Era um ritual da ocasião a Mesada dos Inocentes que consistia em servir em primeiro lugar as crianças.

Namoro e Casamento

Antigamente, como era costume na região oeste catarinense, os jovens acompanhavam a família nos eventos sociais e os namoros eram assistidos de perto pelos pais. A regra era evitar a aproximação física dos namorados. Entre os caboclos, costumava-se "pedir a mão" da moça à família. Em geral, os pais dos jovens tratavam do casamento, planejavam a festa e a cerimônia, além de estabelecer as regras de conduta do namoro. Naquele tempo, casamentos civil e religioso podiam não acontecer simultaneamente pela falta ou de padre ou de escrivão na localidade.

Mas acontecia também, de o casal resolver não casar do modo tradicional, escolhendo apenas "ir morar juntos". Como tratava-se de uma conduta reprovada socialmente e bastante reprimida entre as famílias, vez ou outra acontecia o "roubo da noiva".

Roubo da Noiva

Todo mundo já ouviu falar de alguma história de "roubo da noiva"! Antigamente, elas aconteciam quando os pais da noiva não concordavam com o namoro ou, quando faltava às famílias e ao jovem casal, os recursos financeiros necessários à realização da festa de casamento.Os apaixonados, sabedores que não conseguiriam viver afastados, marcavam a fuga, agendando horário e local para o encontro. Quando a família percebia ausência da moça ia ao encalço dos dois mas, então, o casamento era inevitável e acontecia de forma rápida, a fim de evitar comentários.

"Isso ai era causo quando os véio era muito exigente, daí eles combinavam, o namorado, tal noite, tal sábado (que era sempre no sábado) ia lá e roubava. No outro dia saia bem loco pra achar onde tava [...]". Orides de Freitas Medeiros e Ana Reni Medeiros, Campo Erê-SC

Mesada dos Inocentes: realiza-se no dia do santo protetor, geralmente como pagamento da graça alcançada, envolvendo crianças com idade inferior a sete anos. A Mesada consiste no ritual que precede ao almoço. As mulheres organizam as crianças em torno de uma mesa, servindo e acompanhando-as. A comunidade aprecia o ritual. Finda a refeição das crianças, as mulheres anunciam que o almoço pode ser servido aos adultos.

Festa do Divino Espírito Santo festa cristã celebrada quarenta dias após a Páscoa. Trata-se de uma manifestação popular para agradecer ao Espírito Santo os dons e as graças recebidas durante o ano anterior. É realizada com donativos e seu objetivo é promover um dia de muita fartura, de abundância. Na ocasião, quem nada tem, recebe donativos de graça.

Bandeira do Divino, Linha Almeida/Chapecó/SC. Fonte: Acervo CEOM

Remédios caseiros e práticas de cura

Era um tempo em que os médicos eram raros, os hospitais distantes e o transporte difícil e lento. Para amenizar problemas de saúde do corpo e da alma, a população da região recorria às rezas, chás, simpatias e benzimentos. E os *práticos*, que detinham os conhecimentos sobre as propriedades medicinais de determinadas plantas, as práticas de cura e cuidado, eram os caboclos que foram disseminando esse saber entre as etnias recém-chegadas. Em geral, a fama dos benzedores espalhava-se por quilômetros e sua prática era sempre voluntária e gratuita.

Dentre essas antigas práticas, que ainda hoje são presentes no oeste catarinense, o benzimento é uma das heranças caboclas que mantemos. Antigamente, era comum as pessoas recorrerem aos benzimentos para resolver quase todos os males. Dentre os problemas mais comuns estavam o **quebranto** ou **mau-olhado**, amarelão, sol na cabeça, cobreiro, rendidura (dor lombar) e míngua.

Dizia-se que uma criança estava com "míngua" quando apresentava crescimento abaixo do esperado e sinais de anemia. Embora a medicina convencional recomende medicamentos a fim de combater a anemia, a crença popular é de que o benzimento é indispensável à recuperação da saúde do bebê.
Já o "quebranto" era atribuído à inveja e seus sintomas na criança eram agitação, perda de apetite e choro excessivo. Popularmente se diz que, do ponto de vista clínico, o bebê é considerado saudável e que só o benzimento é capaz de tirar o mal.

Os chás e xaropes fabricados com base em ervas eram frequentemente utilizados e suas propriedades medicinais passadas de geração à geração. Também era comum o uso medicinal de derivados de animais como a banha de porco ou de galinha, tidos como remédios para a cura de inúmeras enfermidades. Nessa realidade, a figura dos benzedores e das parteiras eram fundamentais às comunidades e seus serviços solicitados por caboclos e colonos. Essas práticas ainda permanecem bem vivas e seus conhecimentos são repassados de geração à geração, em todo o oeste catarinense.

"O mais meu remédio é Deus Nossa Senhora. [...] esses tempo eu deitei pra morre, eu vi que eu ia viajar mesmo, Deus sabe o que me faz de minha vida, eu pedi e me ajoelhei no chão, arrumei as mãos, tirei o chapéu e soltei lágrima, e tô curado até hoje. Deus atende se pedir, atende na hora, precisa ter fé"
Antônio Ortiz, Saudades-SC

Você já parou para pensar o quanto essas práticas caboclas estão presentes em nosso dia a dia? Converse com a mamãe, as vovós e titias e tente descobrir se elas conhecem as propriedades medicinais de alguns desses chás. Depois anote o que você descobriu e converse com seus colegas a respeito.

Manjerona

Camomila

Hortelã

Poejo

Louro

Funcho

Endro

Alecrim

Losna

Superstições e Visagens

As histórias de bruxas, lobisomem, boitatá, mãe de ouro e outras tantas visagens e assombrações constituem o imaginário popular da região oeste catarinense tem, em sua maioria, origem nos causos e lendas contados e recontados pelas famílias caboclas e incorporados pelos migrantes italianos e alemães quando da sua chegada à região.

Dentre as características mais comuns dessas histórias estão a presença dos animais, alguns de forma negativa como o pássaro anu, o gato, a coruja e o besouro e outros, tidos como portadores de bons presságios, como o beija-flor e a pomba.

Você sabia?

O historiador francês Jean Pierre Bayard afirma: "a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular". E as lendas são tão importantes para a memória de um povo que, no Brasil, existe uma legislação específica de estímulo à preservação dos causos e lendas que fazem parte do imaginário popular brasileiro: é o Decreto Federal nº 3.551/2000 que instituiu os **Livros de Registro do Patrimônio Imaterial Brasileiro**. O causos e lendas são registrados no **Livro de Registro das Formas de Expressão**.

Um causo de assombração

Lobisomem? Tá certo, tinha uma mulher que tinha um moço que de dia era moço bem bonito e, de noite, virava um cachorrão bem feio. Um dia, ela disse que ia fazer uma foto de quando ele era homem de quando era lobisomem, para que ele pudesse ver. Conta a história que o rapaz respondeu:

_ Deixa disso, é um fardo que Deus me deu. E não deixo de ser lobisomem, o que é lobisomem é sempre lobisomem!

E se foi até o fim da vida dele daquele jeito...

(conto popular do oeste catarinense, registrado por Josiane Aline Geroldi, Xaxim-SC.

Outra herança cabocla bastante forte ainda hoje na região é a regulamentação de práticas cotidianas pelos fenômenos da natureza, como, por exemplo, as fases da lua. Para a população cabocla, determinadas fases da lua são mais propícias ao plantio, à poda das plantas, ao corte da madeira, à colheita da erva... Plantar na lua errada, por exemplo, poderia comprometer a conservação do produto que seria mais sensível ao ataque de pragas como caruncho.

Que outras expressões, causos e histórias são comuns na nossa região? Que tal pesquisar mais a respeito e criar, junto com seus colegas, o Livro de Registro das formas de expressão, ou seja, dos costumes, causos e histórias que passam de geração em geração, na sua comunidade?

Superstições são crenças de que determinado objeto, animal ou fenômeno seja indicativo de outros eventos. No oeste catarinense, a mistura entre as superstições caboclas e dos migrantes deu origem a novas crenças. Mas, ainda hoje, algumas superstições herdadas das comunidades caboclas fazem parte do imaginário popular. Por exemplo, a presença do beija-flor, que também era chamado de "coitelinho" ou "galinha de Nossa Senhora", era indicativo de boas notícias.

Já o gato preto, a coruja e o besouro, eram sinais de má sorte ou más notícias. Enquanto a mariposa era a forma secreta das bruxas e cães grandes e negros eram a forma do lobisomem.

"O beija-flor entrava dentro de casa, vem visita. O chopim tava com fome ao redor da casa, assoviando: Ai meu Deus vai morrer alguém da família. Fosse passarinho verde tu tinha muita fé [...] e se fosse passarinho preto, já tudo ficava achando que era notícia ruim."

Octalina Francisca de Souza, Modelo - SC.

Parte II

O tempo de agora:

A retomada da identidade cabocla no Oeste de Santa Catarina

Para falar de caboclos no Oeste Catarinense contemporâneo é necessário compreender a formação histórico-social brasileira e, principalmente, a constituição desse espaço geográfico. Também é relevante observar que o caboclo, apresenta traços culturais que englobam as três grandes matrizes (índio, negro e europeu), carregando significativas particularidades geográficas regionais, no Brasil afora.

Em outras palavras, o caboclo pode ser conceituado, entre outras definições e, ainda de forma genérica, como um homem interiorano: intimamente relacionado a natureza de seu habitat, profundamente religioso e dotado de saberes e práticas passadas de geração para geração.

Nas últimas décadas, inúmeros estudos e trabalhos abordam a formação histórica da região oeste catarinense, incorporando a participação dessa importante parcela da sociedade, na intenção de demonstrar seu papel nessa história. Observamos uma série de ações de registro e ressignificação da identidade cabocla na região. Essa retomada, que pode ser identificada como uma afirmação de uma identidade cultural, vem sendo perpetuada – consciente ou inconscientemente – nas famílias locais se configurando em diferentes espaços de sociabilidade, como festas e associações.

Caboclo é o homem da terra essa pessoa que vive e tem uma relação direta com as coisas, que vive na simplicidade. Essa relação dele com a natureza e o modo de vida interfere muito no imaginário das pessoas.
Josiane Aline Geroldi, contadora de histórias de cultura popular - Chapecó-SC

Um dos movimentos mais significativos são as associações e grupos que se constituem como espaços de afirmação, de prática, de ressignificação e visibilização da cultura e do modo de vida dessa etnia. Nos últimos anos, observamos a consolidação de entidades que se tornaram referência no oeste catarinense, tais como:

- Associação Puxirão dos Caboclos e Caboclas de Chapecó-SC;
- Sociedade Amigos da Viola – SAVI de Chapecó-SC;
- Associação Amigos da Roda de Viola de Cabocla, de Saudades-SC.

Saiba mais!

Associação Puxirão dos Caboclos e Caboclas: criada em 2004, no município de Chapecó-SC. Trata da preservação da cultura e dos modos de vida mas, também, da melhoria da qualidade de vida da comunidade cabocla. Um dos mais significativos exemplos dessa prática foi a constituição de uma cooperativa de habitação, que promove o trabalho coletivo – o puxirão – em prol da construção de moradias populares para a comunidade. Anualmente, também promovem festas de São João, São Sebastião e Divino Espírito Santo em comunidades do interior do município, atraindo participantes de várias localidades da região.

Associação Amigos da Roda de Viola Cabocla: fundada em 2005 em Saudades-SC. Tem entre seus idealizadores o músico e compositor de moda de viola Irineu Muller, que atuou intensamente na organização e institucionalização da Associação. Atualmente, reúne cerca de 13 famílias do município, além de amantes, amigos e simpatizantes do canto e da música de raiz e da moda de viola. Promove, anualmente, um encontro que envolve celebração da missa sertaneja, jantar, apresentações artísticas de violeiros e cantores da localidade e região.

Em diversas localidades do oeste e meio oeste catarinense encontramos outros exemplos de afirmação, valorização e retomada das práticas e valores caboclos, como por exemplo, os puxirões, ou "pixiruns" como é conhecida a prática no município de Piratuba-SC. No município de Seara-SC, também está em curso a organização de uma associação cabocla a fim de reunir as pessoas que se identificam com as práticas e costumes dessa etnia. Um detalhe significativo é que essas associações e grupos não se restringem aos integrantes da etnia cabocla mas reúnem de modo geral, habitantes do oeste catarinense: italianos, alemães, caboclos, indígenas...

"Na nossa região, em Chapecó estamos recuperando a Festa de São João, a tradição de cada um levar um prato, de fazer as danças, do momento religioso. Isso está muito forte ainda. Esta um pouco reprimido, mas esta muito forte nas populações localizadas na periferia e no interior.
Nós temos a festa do Divino na Linha Almeida, a Festa de São Sebastião e a Festa de São João. São nossas festas religiosas."
Professor Jair Antunes - Chapecó-SC

Programa Radiofônico "Recanto dos Violeiros": criado em Chapecó-SC em 1997, veiculava 30 minutos diários de música caipira e sertaneja, sob comando do radiojornalista caboclo Ary Rodrigues Spíndula, idealizador do programa. Atualmente com uma hora de duração, o programa na Rádio Super Condá AM, de Chapecó-SC difunde a música, a poesia e a cultura dessa etnia, propiciando um espaço de comunicação e expansão dos valores caboclos a outros grupos étnicos e sociais locais.

Sociedade Amigos da Viola (SAVI): surgida paralelamente ao programa "Recanto dos Violeiros" da Rádio Super Condá AM, a Sociedade incentiva a música de raiz (sertaneja) através da oferta de aulas de viola e violão aos moradores da comunidade Bairro Efapi, em Chapecó-SC, estimulando o surgimento e a difusão de duplas de violeiros pela região.

A música e as ocasiões festivas são parte indissociável das práticas de sociabilidade cabocla e podemos constatar a retomada e reorganização por grupos e associações de origem cabocla. São bons exemplos dessas práticas as Festas do Divino Espirito Santo, de São Sebastião e os festejos de São João, caracterizadas sempre pelos laços de solidariedade, ajuda mútua, rituais religiosos e devoção a santos.

As festas caboclas caracterizam-se pela ajuda mútua entre seus participantes e pelo envolvimento solidário que perpassam desde a organização espacial do evento (como infraestrutura do local e mesa para o almoço), até a arrecadação de alimentos como as carnes para o churrasco, salada, cuca, pães, batata-doce e a tradicional quirerinha ou canjica. Outra característica dessas festas é iniciarem sempre com um ofício religioso ao ar livre, geralmente no período matutino, em devoção ao Santo do dia. Além disso, essas festas ultrapassam as fronteiras locais, proporcionando a integração de outras comunidades da região.

"Uma coisa que é bom pra mim, tem que ser bom pra ti! E o que for bom pra ti, tem que ser bom pra mim! Mas tem que ser uma consciência assim (...). então, o bem se paga com o bem. E o mal, que vá pra lá! Distância de nós!"
Zeferino da Silva, Pinhalzinho-SC

"O caboclo tem uma vantagem, ele tem uma vida peculiar de ser, ele não tem uma maneira de ser muito rico, nem ambição, ele quer viver a vida dele [...]".
Ary Rodrigues Spíndula, radialista - Chapecó-SC

"Ser caboclo pra mim é você não esconder de onde você vem, você não esquecer a sua identidade é você lutar por aquilo que acredita, sem vergonha, sem ter medo. É você não esconder quem você é."

Ary Rodrigues Spíndula Júnior, jornalista – Chapecó-SC

Ser caboclo é um modo de vida, uma afirmação de valores e práticas que são perpetuados e ressignificados de acordo com as influências contemporâneas mas preservam a essência do bem comum, do respeito à natureza e do culto à simplicidade.

Uma das contribuições mais significativas dessa retomada e reafirmação da identidade cabocla é expressa na participação ativa dos jovens, que assumem e professam sua identidade, num indicativo claro de que as práticas, os valores e o modo de vida caboclo está bem vivo e presente no oeste catarinense, ganhando a cada dia novos adeptos.

Aos participantes do projeto

O Museu Histórico de Pinhalzinho e o Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina agradecem a generosidade e a hospitalidade de cada participante desta pesquisa. Agradecemos pelas histórias relatadas, pelo tempo dispensado e pelas lições de vida que aprendemos com cada um ao longo dessa viagem de Registro de Saberes.

Adão Pinheiro de Oliveira nasceu em 13 de outubro de 1933 em Abelardo Luz/SC. É agricultor e atualmente reside na Linha Galeazzi, município de Pinhalzinho/SC.

Amadeu Vieira nasceu em 19 de junho de 1934 em Campos Novos/SC. É agricultor e atualmente reside no bairro Centro, município de Saltinho/SC.

Amantina Paulina Erthal nasceu em 17 de novembro de 1954 em Pinhalzinho/SC. É Auxiliar de Serviços Gerais e atualmente reside no Bairro Santo Antônio, município de Pinhalzinho/SC.

Ana Reni Medeiros nasceu em 03 de março de 1945 em de Caxias do Sul/RS. É agricultora e atualmente reside no Bairro Primavera, município de Campo Erê/SC.

Antônio Ortiz nasceu em 12 de junho de 1940 em Palmitos/SC. É agricultor e atualmente reside na Linha Jacutinga, município de Saudades/SC.

Antônio Rodrigues Ferreira da Cruz nasceu em 14 de março de 1938 em Pinhalzinho/SC. Aposentado, foi auxiliar de serviços gerais da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho e atualmente reside no Bairro Maria Terezinha, município de Pinhalzinho/SC.

Ary Rodrigues Spíndula nasceu em 23 de janeiro de 1954 em Machadinho/RS. É radialista e atualmente reside no Bairro Santa Maria, município de Chapecó/SC.

Ary Rodrigues Spíndula Júnior nasceu em 25 de março de 1990 em Chapecó/SC. É jornalista e atualmente reside no Bairro Santa Maria, município de Chapecó/SC.

Augusto José Maria nasceu em 03 de maio de 1930 em Chapecó/SC. Tem como profissão o atendimento ao povo (benzedor) e atualmente reside no Bairro Centro Oeste, município de Pinhalzinho/SC.

Carlota dos Santos nasceu em 25 de maio de 1935 em Venâncio Aires/RS. É agricultora e do Lar e atualmente reside no Bairro Efacip, município de Pinhalzinho/SC.

Fidersino Correa da Silva nasceu em 24 de julho de 1931 em Ouro/SC. É agricultor e atualmente reside no Bairro Centro, município de Modelo/SC.

Francisco de Paulo Segóvia nasceu em 08 de abril de 1920 em Clevelândia/PR. É agricultor e atualmente reside na Linha Jacutinga, município de Saudades/SC.

Generina Campos dos Santos nasceu em15 de abril de 1929 em Carazinho/RS. É funcionária pública e atualmente reside no Bairro Centro, município de Modelo/SC.

Herman Gomes Silvani nasceu em 1º de julho de 1977 em Chapecós/SC. É professor e músico e atualmente reside na cidade de Chapecó/SC.

Isolina Corrêa de Freitas nasceu em 17 de outubro de 1948 em Santo Angelo/RS. É agricultora e atualmente reside na Linha Santa Rosa, município de Modelo/SC.

Jair Antunes nasceu em 15 de março de 1963 em Seara/SC. É professor e atualmente reside no Bairro Santa Maria, município de Chapecó/SC.

João Batista Cruz (in memória) nasceu em Pinhalzinho em 1920, residiu em Modelo/SC por mais de 50 anos. Foi um dos principais benzedores da localidade e região. Herdou da mãe essa prática iniciada aos 14 anos.

João Neir Pontes da Rocha nasceu em 15 de março de 1942 em Chapecó/SC. É agricultor e atualmente reside no Bairro Industrial, município de Saltinho/SC.

João Ordino dos Santos nasceu em 19 de dezembro de 1933 em Canoas/RS. É agricultor e atualmente reside em Campo Erê/SC.

Josiane Aline Geroldi nasceu em 17 de dezembro de 1986 em Xaxim/SC. É contadora de histórias de atualmente reside na cidade de Chapecó/SC.

Juarez de Lara nasceu em 28 de maio de 1929 em Palma Sola/SC. É agricultor e atualmente reside no bairro Cristo Rei, município de Pato Branco/PR.

Juvência dos Santos nasceu em 29 de novembro de 1942 em Soledade/RS. É agricultora e atualmente reside na Linha Jacutinga, município de Saudades/SC.

Leonir Golçalves Barboza nasceu em 15 de maio de 1941 em Frederico Westphalen/RS. É agricultor e auxiliar de serviços gerais e atualmente reside no Bairro Laranjeira, município de Modelo/SC.

Livina da Silva nasceu em 18 de setembro de 1908 em Palma Sola/SC. É agricultora e atualmente reside no Bairro Jardim Esperança, município de Campo Erê/SC.

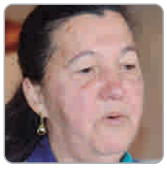
Manoel Corrêa de Freitas nasceu 13 de setembro de 1942 em Santo Angelo/RS. É agricultor e atualmente reside na Linha Santa Rosa, município de Modelo/SC.

Octalina Francisca de Souza nasceu em 28 de maio de 1927 em Concórdia/SC. É agricultora e atualmente reside no município de Modelo/SC.

Orides de Freitas Medeiros nasceu em 09 de fevereiro de 1945 em Campo Erê/SC. É vigia da prefeitura e atualmente reside no Bairro Primavera, município de Campo Erê/SC.

Osvaldo Noronha de Freitas nasceu em 10 de novembro de 1943 em Caxias do Sul/RS. É agricultor e atualmente reside na Linha Santa Rita, município de Saltinho/SC.

Primo Deodoro DemarchiPaludo nasceu em 1º de julho de 1940 em Soledade/RS. Tem como profissão o atendimento ao povo com orações e benzimentos. Atualmente reside na Linha São Donato, município de Saltinho/SC.



Rosalina Nogueira da Silva nasceu em 15 de novembro de 1951 em Chapecós/SC. É agricultora e atualmente reside na Linha Faxinal da Rosa, município de Chapecó/SC.

Sebastião Henrique de Lima nasceu em 30 de junho de 1931 em Chopinzinho/PR. É agricultor e atualmente reside na Linha Jacutinga, município de Saudades/SC.

Sebastião Henrique de Lima nasceu em 30 de junho de 1931 em Chopinzinho/PR. É agricultor e atualmente reside na Linha Jacutinga, município de Saudades/SC.

Sebastião Severo nasceu em 04 de março de 1952 em Pinhalzinho/SC. É vigilante e atualmente reside no Bairro Maria Terezinha, município de Pinhalzinho/SC.

Valdelirio Gomes da Rosa nasceu em 14 de setembro de 1941 em Campo Erê/SC. É agricultor e atualmente reside no município de Campo Erê/SC.

Vitalina Nunes nasceu em 11 de maio de 1941 em Itatiba/RS. É agricultora e atualmente reside na Linha Nova Esperança, município de Pinhalzinho/SC.

Zeferino da Silva nasceu em 07 de julho de 1938 em Sarandi/RS. É agricultor e atualmente reside na Linha Riqueza, município de Pinhalzinho/SC.

Referências

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

BAREA, Neiva M. S.; MIORIN, Vera Maria Flavila. **Produção Rural: redes que atuam na configuração territorial do oeste catarinense.** In: XIX Encontro Internacional de Geografia Agrária. São Paulo, 2009.

BEN, Fernanda et al. **Retratos Memórias e fragmentos da História de Pinhalzinho**. Pinhalzinho/SC: Schaefer, 2011.

CEOM. **Inventário da cultura imaterial cabocla no Oeste de Santa Catarina**. Chapecó/SC: Argos, 2008.

GEROLDI, Josiane Aline. **Personagens recorrentes nas narrativas de tradição oral dos caboclos do oeste catarinense**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Chapecó: Unochapecó, 2010.

MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MARCON, Telmo. **História, memória e cultura**. Chapecó: Argos, 2003.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. **Cadernos do CEOM**. Para uma História do oeste catarinense: 10 anos de Ceom. Chapecó/SC: Unoesc, 1995, p. 71-110.

RENK, Arlene. **A Luta da Erva**: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. 2. ed.rev. Chapecó/SC: Argos, 2006.

WERLANG, Alceu Antônio. **Disputas e ocupação do espaço no Oeste Catarinense**. A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó/SC: Argos, 2006.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VALENTINI, Delmir José. BORELLI, Romário José. **Doze pares de cenas da história do Contestado: arte e cultura na representação da fúria cabocla**. Curitiba: Orion, 2009.

"Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudaram a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho."

(Maurice Halbwachs)

REALIZAÇÃO

MUSEU HISTÓRICO de Pinhalzinho

DEPARTAMENTO DE CULTURA DE PINHALZINHO - SC

Prefeitura de PINHALZINHO
Aqui é bom viver!

CEOM
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA

UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

IPHAN

Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

APOIO

Secretaria de Educação de Campo Erê

Secretaria de Educação de Saltinho

Secretaria de Educação de Modelo

Secretaria de Educação de Saudades

ASSOCIAÇÃO PUXIRÃO DOS CABOCLOS

Secretaria de Educação de Pinhalzinho

Associação Amigos da Roda de Viola Cabocla

SAVI
SOCIEDADE AMIGOS DA VIOLA